

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

FLORIANÓPOLIS - SC - BRASIL (MARÇO/2015)

Diversidade Metodológica nos Estudos em Administração: liberdade ou contribuição para a fragmentação da ciência?

Rogério Tonet¹
Danilo Melo²
Gustavo Matarazzo³

Resumo

A Administração ocupa um espaço ambíguo no campo científico, ao mesmo tempo em que sofre acusações de privilegiar a técnica em detrimento de um verdadeiro desenvolvimento científico, tem ganhado força exatamente por este potencial modificador da sociedade. No entanto, mesmo para seus defensores, é inegável uma falta de coesão no corpus de conhecimento que está sendo gerado, possivelmente resultante da fragmentação interna e na dinâmica interior das “Ciências Administrativas”. Neste artigo busca-se iniciar uma discussão sobre a aceitação e utilização de metodologias provenientes de outras ciências, por parte dos pesquisadores da área da administração, e, a partir de uma noção de campos e subcampos científicos, discutir duas posturas frente a esse “diagnóstico”: i) pela perspectiva da complexidade e da interdisciplinaridade; ou ii) por sua inferioridade ao importar metodologias de outras áreas para o estabelecimento da Administração como ciência e sua demarcação no campo científico.

Palavras-chave: Metodologia, Administração. Fragmentação da Administração. Campo científico.

¹ rog.tonet@uol.com.br

² danilomelo@live.com

³ gustavo_matarazzo@yahoo.com.br

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

FLORIANÓPOLIS - SC - BRASIL (MARÇO/2015)

1 Contextualização

A Administração enquanto ciência se constituiu de forma muito diversa, sobretudo, quanto às questões de influências de outras disciplinas. As questões de prática e teoria também são fruto dessa multiplicidade, concebendo assim um espaço de diversas interfaces teóricas e metodológicas. Ao pensarmos no campo da produção científica em administração, as áreas tradicionalmente técnicas, como Finanças e Marketing, tem como preocupação predominante o aumento da produtividade, enquanto os estudos críticos, por exemplo, não estão preocupados com a performance organizacional e até criticam-na. Fatores esses que aprofundam, ainda mais, o caráter múltiplo, heterogêneo e, por vezes, até contraditório desse campo de estudos.

A Administração, assim como várias outras ciências, passou por um processo de super-especialização durante o século XX, já que a lógica funcionalista dominante era de que a especialização levaria a um aumento de eficiência e produtividade em todas as áreas, inclusive, na ciência. Especializar, neste sentido, significaria aprofundar, mas ao mesmo tempo fragmentar. Como “efeito colateral”, aprofundar seus conhecimentos sobre objetos cada vez menores pode, por vezes, ensejar objetos menos significativos. Os efeitos desta super-especialização e da fragmentação são visíveis a ponto de tornar difícil ao leigo, ao praticante e até mesmo aos acadêmicos da área explicá-la, mesmo que superficialmente e pensá-la como conjunto.

A administração, como ciência jovem que é, ainda luta para firmar-se no campo científico e, ao longo de sua curta história, apoiou-se em teorias, modelos explicativos e metodologias advindas de outras ciências. Esta estratégia de limites permeáveis, inclusive no ambiente técnico-profissional, que raramente é encontrada em ciências mais estabelecidas, a exemplo da economia, garantiu o rápido crescimento em termos produtivos do campo da administração em relação ao campo científico total. Fato este que pode ser verificado pelos números de matrículas, sendo no Brasil o maior curso em número de alunos, paralelamente o ao aumento da produção científica, expansão do número de periódicos e de formação de mestres e doutores, acompanhados pela propagação de programas de pós-graduação. Por outro lado, essa profusão quantitativa parece não garantir à Administração um lugar de destaque ou de autoridade científica no campo mais amplo da ciência, pelo contrário, suscitando diversos questionamentos das ciências mais consolidadas.

Vários fatores parecem estar relacionados à importância, ou destaque, no meio acadêmico. Além de ser uma área recente e em plena expansão, sua interação com o mercado, como ciência social aplicada, faz com que, por vezes, seja vista apenas como um conjunto de técnicas. Quanto à fragmentação, percebe-se que mesmo dentro do que chamaremos de campo científico da administração, há uma diversidade de subcampos, os quais possuem seus próprios capitais, suas instituições, seus jogos e disputas. Mas há, ainda, um aspecto que pode estar relacionado a tudo isso, à fragmentação, aos subcampos, à importância no meio acadêmico, que é o aspecto epistemológico e metodológico.

A administração teve preocupação tardia com a reflexão sobre as bases que apoiavam seu desenvolvimento como ciência, e quanto à metodologia ainda encontram-se reflexões que mostram a dificuldade na área quanto aos aspectos de design de pesquisa, robustez da estratégia empregada ou das técnicas de pesquisa, sendo que em alguns casos há omissão nos

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

FLORIANÓPOLIS - SC - BRASIL (MARÇO/2015)

artigos quanto aos procedimentos metodológicos empregados, ou apresentam-nos apenas de modo formal, com categorizações (GODOI; BALSINI, 2006; BERTERO *et al.*, 2013). Ainda, assim, as críticas concentram-se na aplicação, na falta de rigor quanto à utilização das metodologias. Ainda que essa discussão não possa ser isolada de um contexto mais amplo, como afirma Godoi e Balsini (2006, p.90), “As eleições dos procedimentos metódicos são inextricavelmente derivadas das posturas adotadas anteriormente nos níveis ontológico e epistemológico”, aqui colocaremos ênfase em um aspecto bem específico à utilização de métodos.

Sendo a metodologia um fator de demarcação científica, o objetivo deste artigo é discutir a importação de metodologias de outras áreas na administração e como isso contribui positiva ou negativamente para o seu estabelecimento no campo científico, a partir da perspectiva de interdisciplinaridade e de fluidez na demarcação científica. O artigo assume a seguinte forma, primeiramente, uma base teórica sobre a abordagem sobre o campo científico de Pierre Bourdieu, em seguida, um rápido histórico da epistemologia da administração, na terceira etapa discutem-se os interesses, objetivos e métodos, finalizando com considerações e questões para o debate.

2 A Abordagem Bourdieusiana sobre o Campo Científico

Talvez alguns dos textos mais influentes sobre a dinâmica interna das disputas entre os cientistas seja “A estrutura das revoluções científicas” de Thomas Khun e os escritos de Pierre Bourdieu acerca do campo científico. Embora ambos façam coro em sentido contrário à Robert K. Merton (1979) sobre uma idealizada “comunidade científica”⁴, e reconheça-se aqui a importância e originalidade do primeiro autor. É em Pierre Bourdieu que se pode extrair uma análise mais apurada sobre como as relações ocorridas no campo científico conformam uma arena de disputa onde, no sentido mais macro, as várias ciências concorrem pelo capital científico e, conseqüentemente, pela autoridade de estabelecer os critérios para julgar o mérito da produção de outrem, seja um pesquisador isolado ou uma ciência.

No interior de cada uma das ciências forma-se um campo de dimensões menores, de intensidade variável, mas, mesmo assim, concorrencial. Cujo formato, critérios e competências são resultantes de uma correlação de forças que produzem e, ao mesmo tempo, são produzidas no campo, que podem ser chamados de subcampos.

Pierre Bourdieu em sua extensa obra, a partir do conceito de campo, pretendia estudar a complexa sociedade atual analisando-a como uma diversidade de “campos”, no interior dos quais existem trocas de capitais simbólicos que, por sua acumulação, estabelecem uma relação desigual de forças. Embora tenha estudado diversos campos, tais como a política, produção cultural, moda, destacamos, aqui, sua análise do campo científico.

⁴ Merton faz uma avaliação positiva da comunidade científica, expondo seus imperativos: i) Universalismo; ii) comunismo; iii) desinteresse; e iv) ceticismo organizado. Estabelece também alguns os pontos básicos da dinâmica científica, que podem ser, de forma resumida, descritos como: i) a ciência como “crença social” dominante no ocidente e a crise pela qual ela passa atualmente; ii) a insustentabilidade da pretensão de independência da ciência, como se estivesse acima da sociedade e da inviabilidade de sua auto-justificação; iii) a ciência constitui seu *ethos* como: “complexo de valores e normas efetivamente tonalizados [...] constituindo uma obrigação moral para o cientista”, como se fosse seu superego; iv) a ciência como instituição e sua estrutura deve ser o objetivo para seu desenvolvimento democrático sobre as estruturas sociais e não independente delas.

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

FLORIANÓPOLIS - SC - BRASIL (MARÇO/2015)

Bourdieu, juntamente com Kuhn, é referenciado como um dos principais autores da sociologia da ciência. Destarte, importava a Bourdieu entender como as relações sociais, suas posições e poder de influência estabelecem uma dinâmica dialética, já que ao mesmo tempo é conformadora e conformada, por estas relações. É, portanto, uma declaração que dá conta de que a ciência não se produz no vácuo, distanciada da sociedade, mas, ao contrário, inserida e imbricada nesta, está aberta às influências diversas, constituindo-se em um misto de economia, política e, claro, ciência.⁵

O campo científico: “enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da *autoridade científica* definida” (Bourdieu, 1983, p. 122). A autoridade científica é o poder regulador de ditar as regras do jogo concorrencial a que o autor se refere. Nesta citação também se depreende que o campo é *locus* de uma luta que é o resultado de uma construção histórica, em que os estabelecidos há mais tempo possuem uma quantidade de capital simbólico, aqui, científico, anteriormente acumulada e os entrantes, como a Administração, não tem.

Para explicar as assimetrias existentes no interior de cada campo, Bourdieu (2009) utiliza-se de uma metáfora econômica, o “mercado das trocas simbólicas”. O autor explica que em cada campo existe uma concorrência por capitais simbólicos específicos que conferem a seus detentores maior influência e destaque no referido campo. A metáfora é valiosa, pois, ao comparar cada campo social a um mercado, permite explicar como se dá a distribuição e a acumulação destes capitais simbólicos. Neste sentido, os capitais simbólicos provocam um efeito hierarquizante no campo, distribuindo desigualmente os capitais simbólicos, criam-se, nas palavras de Bourdieu, “dominantes” e “dominados”.

No contexto de campo científico, esta luta ocorre em busca do capital científico, que se apresenta segundo duas espécies: uma primeira é de natureza política, que é institucionalizada e está ligada a ocupação de posições destacadas nas instituições científicas; a outra é mais personalística, está ligada ao poder pessoal que se apresenta como prestígio (BOURDIEU, 2004, p. 35). Segundo o próprio autor, por sua natureza simbólica, não é possível quantificar precisamente ou prever seus efeitos, no entanto, são reais e verificáveis através dos instrumentos de consagração já citados aqui.

Ao mesmo tempo, o campo científico, como campo autônomo, estabelece em seu interior seus próprios critérios de admissão, ascensão, premiação e demissão de indivíduos ou grupos, aqui, chamados de critérios de cientificidade. Havendo um sistema de classificação interior, onde julgam-se domínios, objetos, métodos e teorias dignos ou indignos de interesse e investimento. Aqui se compreende que, para Bourdieu, existe uma hierarquia de campo, devido ao campo científico não ser homogêneo e indiferenciado. Assim, a inscrição de uma nova ciência ou de um novo pesquisador, por exemplo, passará por este crivo já estabelecido anteriormente, pelos agentes de campo detentores de maior capital científico.

Sobre a produção científica na administração, Audét (1986), aproximando-se de Bourdieu, define o campo como o espaço e o sistema em que as relações e a concorrência entre atores que produzem e pretendem a validação de conhecimentos ocorrem. O autor remarca que este ambiente influencia a dinâmica do conteúdo produzido, pois o processo de produção e o campo das ciências administrativas são indissociáveis. O campo, para o autor,

⁵ Bourdieu (2009) demonstra que, as posições hierárquicas no campo científico são efeito de dois movimentos, um cultural e outro político.

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

FLORIANÓPOLIS - SC - BRASIL (MARÇO/2015)

promove um movimento de abertura e fechamento simultâneo, pois enquanto direciona-se a produção ao campo global de conhecimento, por outro lado uma estratégia de controle tende a fechar-se em um campo menor.

3 Revisão Histórica da Epistemologia da Administração

Esta seção apresente um histórico da construção interna da administração como campo científico, trata da discussão central do artigo, as metodologias e como estas distensões internas podem enfraquecer e/ou fortalecer os argumentos das ciências administrativas, por uma perspectiva de demarcação, ou fortalecê-la como uma ciência mais próxima da trans ou interdisciplinaridade.

Embora a Administração já conte com cerca de um século de existência como ciência, remontando o início dos anos 1900, com a “administração científica” de Taylor nos EUA e, quase simultaneamente, Fayol na França. Estes esforços iniciais não buscavam a legitimação da Administração no campo científico, sendo mais afeitos à prática dos negócios, e somente na década de 1980 surgiram os primeiros estudos objetivando estabelecer uma epistemologia da administração. A primazia, neste sentido, é de Chevalier e Loschak (1980) que ao estudarem a formação da administração em reconstrução histórica, consideram a administração em estágio ainda iniciante, isto é, na busca de seus objetos e metodologias específicos. Os autores delinearão os principais desafios da administração enquanto epistemologia, que são: i) o parasitismo ideológico, relacionado às “relações ambíguas com o poder e [...] contribuir para a legitimação da ordem existente” (Chevalier e Loschack, 1980, p. 50); ii) o normativismo, que “consiste em fixar logo de início as normas (teóricas) a que devem responder a organização ou o funcionamento da administração” (p. 53); e iii) as armadilhas do empirismo, sobre a predominância desta postura metodológica, própria do funcionalismo.

Chevalier e Loschak (1980, p. 58-63) discutem a construção dos instrumentos de análise que poderiam ser tomados por empréstimo de outras ciências, asseverando que “a ideia de que a autonomia de uma ciência depende da especificidade de seus métodos, é contrariada pela tendência para a universalização dos instrumentos de análise mediante uma troca recíproca, primeiro passo no sentido da interdisciplinaridade” (p. 58). Na busca por analisar a abertura paradigmática do campo, Boeira e Vieira (2006) refletem como uma oportunidade para a coexistência de métodos, ao defenderem a integração interdisciplinar.

Audet e Déry (1996), por seu turno, tecem crítica sobre a apropriação do discurso cientificista que predominava nas ciências sociais à época dos primeiros estudos da administração, com vistas à racionalização e maximização. Os autores continuam explicando como as práticas transformam-se em teoria nas ciências administrativas, ressaltando a II Guerra Mundial como um período de grande intensidade deste tipo de conversão prática-teoria e ao mesmo tempo “veicula um neopositivismo triunfante” que termina por traçar o projeto das ciências administrativas.

Sobre a diversidade das práticas da administração, Audet e Déry (1996) delineiam uma ciência polimórfica e que esta característica aumenta a fragmentação do campo, cujos conceitos derivam da administração para seus subcampos. Além da divisão institucional da associação de pós-graduação, uma outra divisão, em outro nível, que pode ser feita no corpo da produção teórica na área, proposto por Chanlat e Séguin (1987), é a divisão entre as suas faces crítica e funcionalista.

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

FLORIANÓPOLIS - SC - BRASIL (MARÇO/2015)

No Brasil, o estabelecimento dos primeiros programas de pós-graduação *stricto sensu*, na década de 1970 e da Anpad em 1976, começa a formar-se, verdadeiramente um campo acadêmico institucionalizado em administração que deu suporte a ampliação da produção que ocorreria nas décadas seguintes. Hoje o principal encontro promovido pela associação contempla 11 divisões acadêmicas, com temáticas diversas: i) administração da informação; ii) administração pública; iii) contabilidade; iv) estudos organizacionais; v) ensino e pesquisa em administração e contabilidade; vi) estratégia em organizações; vii) finanças; viii) gestão de ciência, tecnologia e inovação; ix) gestão de operações e logística; x) gestão de pessoas e relações de trabalho; xi) marketing. Essa diversidade de divisões temáticas parece-nos um indicativo da diversidade de subcampos, ao olhar mais aprofundado, já que em um olhar geral correspondem a uma mesma divisão institucional de Administração, Contabilidade e Turismo na CAPES. Portanto, esse indicativo de subcampos está mais relacionado às estratégias e os capitais científicos que os atores buscam dentro de determinado subcampo, por vezes diverso, em modalidade ou intensidade, do campo geral da administração.

3.1 Os Objetos das Ciências Administrativas

A busca por um objeto comum às diversas áreas da administração, que congregue as preocupações dos subcampos de estudo, de uma forma genérica parece ser uma das inquietações para consolidar-se uma ciência. Se por um lado o objeto da administração é entendido como as práticas sociais, ou a gestão, para outros seu objeto é a organização enquanto fenômeno social (FRANÇA FILHO, 2004).

Primeiramente, e mais especificamente sobre a TO, Serva (2001) apresenta o “Fato Organizacional Total” como objeto de estudo, à semelhança dos fatos sociais totais de Durkheim, nos seguintes termos: “um complexo de elementos e de suas relações entre si, resultante e condicionante da ação de diferentes pessoas no desempenho de funções que limitam e orientam atividades ligadas à vida humana associada” (Serva 2001, p. 136).

Assim, declara-se que: i) os objetos são consequência dos interesses científicos de determinada época e, portanto; ii) podem e devem modificar-se ao longo do tempo. A Geografia⁶ é um exemplo de uma ciência que se modificou ao longo do tempo e, apesar de atualmente passar por uma “crise de identidade” parecida com a da Administração, cresceu muito mantendo sua referência territorial. Nesta análise rápida, a Geografia estabeleceu-se como a ciência que tinha por objeto o espaço e, assim, territorializar ou espacializar significa determinar partes deste território e relacioná-los com fenômenos meteorológicos, climáticos, de relevo, vegetação, etc. Com a Administração não ocorreu o mesmo. Desde seu início, tecnicista, não houve o estabelecimento de um objeto suficientemente amplo para seu desenvolvimento, nem suficientemente específico para seu aprofundamento.

A possível comparação entre a Geografia e Administração aponta para a amplitude relacionada ao estabelecimento de um objeto. Seriam os objetos amplos que acabariam por obstaculizar a demarcação científica das áreas ou a falta de profundidade deles? A inter-relação entre o campo técnico-profissional e científico também podem caracterizar a necessidade de objetos diferentes, de acordo com os interesses de cada um desses grupos. Por exemplo, para a perspectiva técnica e a abordagem funcional, o objeto da administração é de

⁶ Bertrand, 2007.

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

FLORIANÓPOLIS - SC - BRASIL (MARÇO/2015)

natureza prescritiva, concebida no âmbito das empresas, enquanto para a teoria das organizações seu objeto é de natureza explicativa, deslocando da ênfase no trabalho para a organização como unidade de análise (FRANÇA FILHO, 2004).

Não se pretende com isso estabelecer uma rigidez acadêmica, defendendo um estatuto científico engessado o que seria anacrônico e fora de propósito em uma sociedade onde a complexidade é a tônica. No entanto, ao deixar este estatuto muito amplo, a ciência pode perder força em suas convicções e explicações, em especial, perante o público acadêmico de outras áreas que, estabelecidos há mais tempo e, disto, ganharam em aprofundamento nas questões.

Durante o início da “administração científica” em Taylor, ou com os Gilbreth, dentre outros autores, objeto de estudo da administração centrava-se nos tempos e movimentos, no espaço da fábrica e sua disposição, uma espécie de estágio embrionário da disciplina de Organizações e Métodos. Embora de outro lado Fayol tenha iniciado seus estudos com interesse na Organização, apontando-na como objeto de estudo, também de modo prescritivo, aparentemente, as técnicas do americano tornaram-se muito mais populares, provavelmente devido a sua rápida aplicação e seus resultados.

Apenas o crescimento rápido das empresas no início do século XX levou a uma crise em que os formatos organizacionais não davam mais conta da superacumulação de capital o que levou os proprietários e acionistas destas empresas a adotar formatos organizacionais mais consistentes, gerando a necessidade de uma “Revolução Organizacional” para sua superação⁷.

Deste contexto a Administração adquiriu muitos interesses e, portanto, adotou uma grande diversidade de objetos de estudo e métodos para apreendê-los. Quanto aos objetos, como veremos ao longo deste artigo, as várias frações ou disciplinas da Administração buscaram seus objetos próprios, compatíveis com seu domínio e ao seu interesse. Assim, apesar de comportar objetos diversificados, estes serviriam apenas a uma ou outra disciplina interna à administração.

3.2 Os Interesses e Objetivos

A administração, até por sua crescente influência na sociedade, hoje “das organizações”⁸, diversificou enormemente os temas tratados sob sua tutela. Muito embora, a rigor, nenhum destes sejam propriedade exclusiva do campo da Administração, hoje, esta trata ao mesmo tempo desde temas referentes às pessoas e às máquinas, da produção, da seleção de pessoas, do controle de materiais, da distribuição de produtos até o impacto nas vendas da veiculação de determinado estilo musical no ambiente de uma loja.

Cada uma das disciplinas e linhas de pesquisa tem seus interesses próprios, mas, apesar disso, os objetivos em administração convergem, especialmente em sua vertente funcionalista, para o aumento da eficiência nos processos e dos resultados financeiros

⁷ Tratam deste assunto autores como Braudel, Konradieff e Arrighi. Aqui, especificamente buscamos Arrighi (1997).

⁸ Amitai Etzioni (ANO) utilizou-se desta terminologia para referir-se a interação que torna-se necessária entre sociedade e as organizações na modernidade.

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

FLORIANÓPOLIS - SC - BRASIL (MARÇO/2015)

enquanto fim. Com exceções, notadamente das linhas críticas, como o *Critical Management Studies* e linhas de TO e RH, por exemplo, as quais preocupam-se com temas mais relacionados à compreensão da realidade organizacional do que com a prescrição.

Os estudos de Bertero, Vasconcellos e Binder (2003), revelaram um interessante ranking dos temas mais frequentes, chegando aos seguintes resultados, segundo a ordem de frequência: i) fundamentos organizacionais; ii) Porter e fundamentos econômicos; iii) planejamento estratégico; iv) processo decisório; v) recursos e competências; vi) alianças e redes; vii) competitividade, e; viii) tipologias estratégicas. Na área de Marketing, enquanto Froemming *et al.* (2000), apontam a preocupação com a orientação prática e os estudos exploratórios como predominantes, Vieira (2003) indica que durante os anos 1990-1999 os temas mais frequentes na área foram: i) comportamento do consumidor; ii) marketing de serviços; e iii) estratégias de mercado.

Arkader (2003), na área de Operações lista os temas mais publicados entre 1961 e 2002⁹, e encontrou como os temas mais frequentes: i) gerência da qualidade; ii) logística; iii) estratégia e política de operações; iv) compras e suprimento; v) produção enxuta.

4 Os Métodos

A exemplo do item anterior, a Administração mantém uma diversidade de métodos a seu dispor o que, até certo ponto, pode significar uma grande flexibilidade de ação acadêmica, por outro, pode denotar em igual proporção, inconstância que pode ser fonte de descrédito frente às outras ciências.

4.1 A importância do método para o estabelecimento da (de uma) Ciência

A ciência moderna em seus primórdios surge de um método, o “Discurso do Método” de René Descartes tem, além do mérito de estabelecer um critério sobre o que vê ser considerado ciência, no pólo oposto, descarta uma quantidade muito maior de saberes que não teriam valor científico. Este poder de excluir ou classificar os conhecimentos constitui-se no primeiro e mais importante poder no campo da ciência. Concordando, Japiassu (2002, p. 89) declara: “Não podemos fazer uma análise crítica dos princípios das diversas ciências, de seu valor e de seu alcance, sem nos interrogar, ao mesmo tempo, sobre a natureza e o valor dos procedimentos pelos quais elas se constroem e atingem o conhecimento objetivo”. E o autor amplia o debate explicando que as crises por que passam as ciências são decorrentes de lacunas dos métodos anteriores.

Até os dias atuais, os critérios de cientificidade são os mais importantes reguladores do campo científico. Através destes critérios as ciências “superiores” na escala concorrencial podem escolher as regras sobre as quais o “jogo da ciência” será jogado, conforme, Bourdieu (1983), que declara que estas regras são adaptadas para refletir os padrões de procedimento dos dominantes do campo e assim, escolher quais as teses serão acatadas ou desqualificadas as pretensões de novos entrantes no campo.

As ciências mais antigas ou tradicionais surgiram ao mesmo tempo em que desenvolveram seus métodos “proprietários”. A filosofia foi modificando-se *pari passu*

⁹ A autora lista as fontes consultadas: RAE: de 1961 a 2001; RAUSP: de 1978 a 2001; RAC: de 1997 a 2001; e Anais do Enanpad: de 1980-85, 1988-90, 1992-2002.

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

FLORIANÓPOLIS - SC - BRASIL (MARÇO/2015)

mudavam seus métodos que da contemplação e do método socrático evoluíram para a dialética e a fenomenologia. Por sua vez, a Antropologia teve na etnografia seu início e a principal referência metodológica até os dias atuais, assim como o método experimental ainda é o mais utilizado nas ciências biológicas e da saúde.

Estas ciências que contam com suas metodologias-proprietárias têm em seu poder uma capacidade de regulação e podem, inclusive, influenciar outras ciências para que façam uso de seus métodos.

A Administração, historicamente, serve-se, não somente de metodologias herdadas de outras ciências, mas também, utiliza-se de modelos explicativos e de teorias completas para solucionar questões sobre objetos de seu interesse, no entanto, aqui, centraremos nossa discussão no aspecto metodológico.

Aqui não se questiona a validade deste tipo de hibridação, que engloba questões e objetos da administração e modelos explicativos, métodos ou teorias de outras ciências que podem ser uma interessante aproximação transdisciplinar, mas, o questionamento vai em direção da abdicação por parte dos pesquisadores da administração em dois níveis: i) da produção própria de modelos e teorias; e ii) do poder de decisão e, conseqüentemente, de uma posição mais relevante no campo das ciências.

É comum ver nos fóruns e congressos de acadêmicos da Administração certa reverência quando se louva a utilização da fenomenologia ou de um modelo econométrico aplicado às organizações. Esta reverência, apesar de ser uma ampliação das possibilidades de pesquisa conforme defendem Chevalier e Loschak, ao mesmo tempo, representa um reconhecimento das outras ciências, por vezes, como superiores, através do reconhecimento da superioridade de seus métodos.

Uma constatação importante é que a divisão interna, no subcampo científico da administração, em que correntes opositoras buscam desautorizarem-se mutuamente, pode-se verificar a divisão entre estudos quantitativos e qualitativos. Existiria, assim, em algumas disciplinas da administração uma maior tendência aos métodos que privilegiam o quantitativo e a análise estatística, enquanto em outras linhas predominariam os métodos qualitativos, como as entrevistas em profundidade e as etnografias, por exemplo. Mas, aqui, optamos por não entrar na questão da dualidade, haja vista os trabalhos que já abordam esse tema (GODOI; BALSINI, 2006). Concordamos com os autores, nesse sentido, de que essa divisão não contribui com o campo de conhecimento, apenas serve, ao nosso ver, aos interesses de demarcação científica nos subcampos.

Esta divisão torna-se mais clara quando se observa que quanto mais próxima, por descendência, das ciências exatas e maior presença da técnica, os métodos tendem a ser mais quantitativistas e em oposição, quanto mais espaço para as teorizações e proximidade da influência das pessoas, os métodos tendem a ser os qualitativos.

Bertero, Vasconcellos e Binder (2003), em um estudo sobre as publicações na área da estratégia revelam, no período entre 1991 e 2002, uma predominância de 66,3% de estudos empíricos naquela área. O que chama atenção é que o mesmo estudo aponta que internamente a esta predileção pelo empirismo, a existência de uma vasta maioria do uso de metodologias quantitativa sobre as quantitativas e as metodologias mistas.

Em estudo similar, aplicado à área de Marketing entre os anos de 1990-98, Froemming *et al.* (2000, p. 163) mostram um cenário completamente diverso em que predominavam a metodologia do tipo *survey*, com frequência de 76,12%, em relação a apenas 20,9% de estudos qualitativos. Os autores ainda ressaltam que predominou, no período estudado, os

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

FLORIANÓPOLIS - SC - BRASIL (MARÇO/2015)

artigos provenientes de pesquisas exploratórias ou descritivas, de contribuição limitada ao desenvolvimento ou aprofundamento da ciência, como apontam os autores, em relação a pouca preocupação com a qualidade metodológica: “A ausência de alguns destes aspectos [...] poderia ser justificada pelo volume de pesquisas de natureza exploratória ou pela orientação para resultados práticos, **mais distantes do rigor metodológico**” (p.169, negritos nossos).

A seguir apresentamos um quadro que relaciona as metodologias e as disciplinas administrativas em que seu uso é mais frequente.

Quadro 1: Origens das metodologias utilizadas na Administração

Metodologia	Origem (precursores)	Disciplina Administrativa de uso prioritário
Fenomenologia	Filosofia, depois apropriada pela psicologia e a educação (Husserl, Heidegger)	Estudos Críticos em Administração
Etnografia	Antropologia Cultural (Malinowski, Radcliff-Brown)	Estudos Críticos em Administração, Marketing e Recursos Humanos.
Análise de Discurso	Filosofia/Linguística (Pêcheux, Fairclough)	Estudos Críticos em Administração
Estudo de Caso	Medicina, psicologia e direito	Todas
Grounded Theory	Sociologia (Glasser e Strauss)	Todas
Pesquisa-ação	Psicologia (Kurt Lewin)	Mais utilizada em disciplinas ligadas a atividade de consultoria
Focus group	Sociologia (Robert K. Merton)	Marketing, RH
Metodologias Quantitativas	Variadas, a partir da matemática e estatística	Pesquisa Operacional e Produção, Marketing, RH e outras disciplinas funcionais.

Fonte: elaborado pelo autor, a partir de Demo (1995); Padovani e Castagnola (1990); Fairclough (2001); Yin (2001); Cunha e Bandeira de Melo (2006).

5 Considerações: questões para o debate

Embora a Administração tenha ao longo do tempo abarcado uma diversidade de objetos e métodos e, dessa maneira, tenha estabelecido contato com diversas outras ciências, considera-se, aqui, que é uma ciência em busca de identidade, haja vista que sua utilidade e seus objetivos já foram solidamente estabelecidos em seus primórdios.

Nesta busca por identidade cada uma de suas disciplinas e áreas temáticas, que neste artigo consideramos, também, subcampos, apresentam práticas e características diferenciadas. Tentaremos resumir no quadro que segue algumas dessas características gerais para ampliar a discussão e delinear alguns caminhos para discussões futuras:

Quadro 2 – Administração: Características das disciplinas

Disciplina e objeto de	Descendências Científicas	Temas, interesses e objetivos	Métodos	Fontes de Dados
------------------------	---------------------------	-------------------------------	---------	-----------------

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

FLORIANÓPOLIS - SC - BRASIL (MARÇO/2015)

estudo	(principais)			
Teoria das Organizações	Sociologia	Relações inter e intra-organizacionais, processos de institucionalização, poder, etc.	Tanto qualitativos quanto quantitativos	Registros contábeis (<i>ex-post</i>), previsões e cenários econômicos (<i>ex-ante</i>).
Finanças	Contabilidade e Economia	Busca pela máxima eficiência financeira em organizações.	Predominantemente quantitativos	Registros contábeis (<i>ex-post</i>), previsões e cenários econômicos (<i>ex-ante</i>).
Recursos Humanos	Psicologia	Melhorar o desempenho dos RHs das organizações.	Qualitativos e quantitativos	Procedimentos de contratação, seleção, treinamento, avaliação, etc.
Estratégia	Economia	Influência dos fatores do amb. externo, teoria das decisões, modelos analíticos, busca pelos melhores resultados econômicos.	Predominância de dados quantitativos	Previsões e cenários socioeconômicos (<i>ex-ante</i>). Avaliação de desempenho (<i>ex-post</i>).
Marketing	Economia e Psicologia	Comportamento do consumidor, comunicação, precificação, etc. Busca aumento de participação de mercado e lucros.	Inicialmente quantitativos, mas com crescimento do uso de métodos qualitativos	Pesquisa e planejamento (<i>ex-ante</i>), avaliação (<i>ex-post</i>).
Administração da Produção / Pesquisa Operacional	Engenharia e Matemática/ Estatística	Aumento da eficiência produtiva.	Quantitativos	Pesquisa, registros e planejamento (<i>ex-ante</i>), Procedimentos e avaliação (<i>ex-post</i>).

Fonte: autor.

Este quadro inicial, já que é baseado apenas nos destaques discriminados dos estudos bibliométricos referenciados, apresenta de forma didática algumas das principais características das disciplinas administrativas. Pode-se notar que alguma diversidade metodológica é, na verdade necessária frente aos diversos temas e fontes teóricas básicas.

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

FLORIANÓPOLIS - SC - BRASIL (MARÇO/2015)

No entanto, quando se toma o campo científico da administração de maneira mais ampla, os argumentos contrários se fortalecem e, em resumo temos que:

- i) Ao adotar várias metodologias pode-se considerar duas possibilidades: a) maior flexibilidade/liberdade para condução de pesquisas; e, por outro lado, b) menor coesão, maior dificuldade de discussão sobre os temas e, por fim, enfraquecimento do debate e, conseqüente, da ciência;
- ii) A utilização de metodologias, que são “propriedade” de outras ciências, ao mesmo tempo, aceita-se uma condição, por vezes, inferior a estas ciências;
- iii) As “metodologias-proprietárias” são – ou ao menos foram nas fases iniciais - elemento de coesão nas ciências mais consolidadas;
- iv) Na Administração, pela quantidade de disciplinas internas que abarca, provavelmente, não será possível a criação de uma “metodologia-proprietária”, dedicada às questões administrativas;
- v) Um dos fatores de consolidação das ciências no campo científico é o estabelecimento de critérios de cientificidade, o que, no caso da Administração, é quesito prejudicado já que a diversidade e a aceitação desordenada de metodologias dificultam esta definição;
- vi) A administração, ao aderir submissivamente às metodologias de ciências de maior tradição, adota uma estratégia de conservação que, devido ao baixo capital científico acumulado, dificulta seu estabelecimento no campo científico mais amplo.

Da mesma forma, o quadro mostra alguma dependência de ciências mais consolidadas no aporte teórico e, ainda, uma ênfase excessiva na prática e à técnica como objetivo na maioria das disciplinas. Embora o quadro apenas contemple as disciplinas mais populares, remarca-se a necessidade de ampliá-lo contemplando a representatividade de frações menores como as dissidências críticas e da administração pública, por exemplo.

Cabe, também, uma declaração de defesa, já que duas críticas, que encontram bom fundamento, podem ser direcionadas a estes escritos. Primeiramente é necessário salientar que este artigo é escrito, principalmente, a partir da perspectiva brasileira e, embora em alguns países a Administração possa gozar de algum prestígio na comunidade científica, não é esta a regra. Mesmo nos EUA, onde, segundo Guerreiro Ramos¹⁰, “a mais avançada sociedade centrada no mercado”, uma sociedade toda baseada em empresas, a administração tem lugar limitado em relação às outras ciências, tanto é que os MBA’s são uma invenção americana para “ensinar” estratégia empresarial para engenheiros e advogados que ocupavam altos cargos em grandes empresas. Na Alemanha, por exemplo, sequer existe uma disciplina chamada “Administração”, lá é referenciada sob a alcunha de “economia de empresas”, ou seja, uma subordinação às ciências econômicas.

A segunda declaração é que a análise aqui empreendida refere-se ao campo científico atual e não às correntes emergentes da pós-modernidade ou da complexidade. Alguns poderão

¹⁰ Guerreiro Ramos (1989, p. xv) em “Prefácio a edição brasileira”.

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

FLORIANÓPOLIS - SC - BRASIL (MARÇO/2015)

considerar, como visto em Chevalier e Loschak, que tal diversidade e conversação mais próxima com várias outras ciências pode significar uma oportunidade de acúmulo de capital científico futuro, ou ainda que, com uma reorganização das ciências, o campo passaria a ser regido por outros critérios que fizessem o próprio capital científico e sua acumulação tornar-se-iam ultrapassados. Em uma situação limítrofe outros poderiam considerar a perda de importância das próprias metodologias que, aqui, são o foco da análise.

A intenção deste artigo é de iniciar um debate que leve a administração a refletir sobre sua construção como ciência, a partir de uma discussão que nos parece essencial às ciências que é a questão metodológica, mais especificamente a origem das metodologias utilizadas na área. Ou seja, colocam-se algumas questões: na medida em que atua como subcampo, importando metodologia de outro campo, a administração, mais do que ampliar-se, não poderia estar sendo reduzida e limitada pelos critérios estabelecidos pelo campo que lhe “inspirou” o método?

Essa reflexão, portanto, pode assumir, como destacamos ao longo do texto duas possibilidades: um enriquecimento da área, ao se consolidar como uma disciplina que agrega diferentes abordagens metodológicas, aproximando-se de uma ciência interdisciplinar, e, por outro lado, uma ciência que continua subsidiária à aprovação, no campo científico mais amplo, de aprovação de outras áreas, das quais importa suas metodologias. Destacamos, por fim, que já que por sua natureza plural não se deve pretender estatutos rígidos que a engessem, mas consistentes para seu desenvolvimento. Deixamos, portanto, algumas questões para a continuidade do debate científico na área: até que ponto a utilização de metodologias importadas fortalece a interdisciplinaridade da área?; em que medida a administração pode se apropriar de métodos e fazê-los mais próximos às realidades de sua área de pesquisa?; ao utilizar métodos de outras áreas devemos respeitar o estatuto delas e sua criação ou podemos pensar, até, em uma redução sociológica dos métodos ao utilizá-los?; estaria a administração ainda em processo de acumulação de capital científico no campo geral das ciências e, por isso, em busca de métodos e da aprovação de outras áreas, ou seja em fase de “testes”? Ou estaria em busca de capital simbólico por outros meios, como a questão prática relacionada às consultorias ou ao *status* social? Ou, ainda, não estaria agindo estrategicamente com uma nova abordagem mais multiparadigmática, mais interdisciplinar para acumular capital?

Referências Bibliográficas

ARKADER, R.; Pesquisa Científica em Gerência de Operações no Brasil. In: *RAE – Revista de Administração de Empresas*, v.43, n.1. São Paulo: FGV, jan./mar. 2003.

ARRIGHI, G. *A ilusão do desenvolvimento*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

AUDET, M.; DÉRY, R. La science réfléchié. Quelques empreintes de l'épistémologie des sciences de l'administration. In : *Anthropologie et Sociétés*. Volume 20, número 1, 1996.

BERTERO, C. O. et al. Produção científica brasileira em administração na década de 2000. *Revista de Administração de Empresas*, v. 53, n. 1, p. 12-20, 2013.

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

FLORIANÓPOLIS - SC - BRASIL (MARÇO/2015)

BERTERO, C.O.; VASCONCELLOS V.C.; BINDER, M.P.; *Estratégia Empresarial: a produção científica brasileira entre 1991 e 2002. In: RAE – Revista de Administração de Empresas*, v.43, n.4. São Paulo: FGV, out./dez. 2003.

BERTRAND, G.P.; Saberes híbridos, saberes fragmentados. In: PASSOS, M.M. (org.); *Uma geografia transversal e de travessias*. Maringá: Massoni, 2007.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BOURDIEU, P. *Os Usos Sociais da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. 6. ed. São Paulo: Unesp, 2004.

BOURDIEU, P. O Campo Científico. In: ORTIZ, R. (org.); *Pierre Bourdieu – Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

CHANLAT, J.-F. e SÉGUIN, F. *L'analyse des organisations: une anthologie sociologique*. Tome I. Montreal: Gaëtan-Morin, 1987.

CHEVALIER, J.; LOSCHAK, D. *A Ciência Administrativa*. Mem Martins: Europa-América, 1980.

CUNHA, C.; BANDEIRA-DE-MELO, R. Grounded theory. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA DE MELO, R.; SILVA, A. B. (Org.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006.

DEMO, P. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. 3.a ed. São Paulo: Atlas, 1995.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.

FRANÇA FILHO, G. C. Para um olhar epistemológico da administração: problematizando seu objeto. In: SANTOS, Reginaldo Silva (org.) *A Administração Política como Campo do Conhecimento*. São Paulo-Salvador: Edições Mandacaru/Fundação Escola de Administração UFBA, 2004.

FROEMMING, L.M.S.; LUCE, F.B.; PERIN, M.G.; SAMPAIO, C.H.; BEBER, S.J.N.; TREZ, G. Análise da Qualidade dos Artigos Científicos da Área de Marketing no Brasil: as pesquisa survey na década de 90. In: *RAC – Revista de Administração Contemporânea*. v.4, n. 3, Rio de Janeiro: Anpad, set./dez., 2000.

GODOI, C. K.; BALSINI, C. P. V. A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.) *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006.

GUERREIRO RAMOS, A. *A Nova Ciência das Organizações*. 2.a ed. São Paulo: FGV, 1989.

V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

FLORIANÓPOLIS - SC - BRASIL (MARÇO/2015)

JAPIASSU, H.; *Introdução às Ciências Humanas*. São Paulo: Letras e Letras, 2002.

MERTON, R.K.; Os Imperativos Institucionais da Ciência. In: *A Crítica da Ciência: Sociologia e ideologia da ciência*. 2.a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MICELI, S.; Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

PADOVANI, U.; CASTAGNOLA, L. *História da filosofia*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

SERVA, M. O fato organizacional como fato social total. In: *Revista de Administração Pública*, v. 35, n. 3, p. 131-152, 2001.

VIEIRA, F.G.D.; Narciso sem Espelho: a publicação brasileira de Marketing. In: *RAE – Revista de Administração de Empresas*, v.43, n.1. São Paulo: FGV, jan./mar. 2003.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.